

ENTREVISTA

CORPO: (RE)PENSANDO ENTENDIMENTOS ARTICULAÇÕES E POSSIBILIDADES

Silvana Goellner*

Diversidade: A partir de tuas pesquisas e estudos quais entendimentos sobre os corpos vens construindo?

Silvana: Minha formação inicial é em Educação Física, ou seja, uma área que historicamente tem como objeto de estudo o corpo e os modos como as pessoas vivenciam suas diferentes possibilidades de movimentação por meio dos jogos, das ginásticas, dos esportes, das danças, das lutas, entre outras práticas corporais. Como área de conhecimento ou campo de intervenção profissional, o foco no corpo é analisado a partir de diferentes correntes epistemológicas, grosso modo conjugadas a partir de duas vertentes: as ciências biomédicas e as ciências sociais e humanas.

Meu olhar está ancorado nesta última vertente, o que não implica negar a materialidade do corpo, mas compreendê-lo como algo que se produz historicamente. O corpo é uma construção cultural, cuja conformação e aparência se configura considerando aspectos sócio-históricos. Por essa razão não penso o corpo como algo natural, dado e universal. O corpo é provisório, mutável e mutante, sob o qual se inscrevem aspectos simbólicos que alteram, inclusive, a sua configuração anatômica. Basta pensarmos nas representações de saúde e de beleza em diferentes tempos e contextos para entendermos a força que os aspectos culturais exercem sobre a materialidade do corpo, desenhando diferentes contornos e arquiteturas corporais.

*Professora na graduação e pós-graduação do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A pesquisadora coordena o Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS e o GRECCO - Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História. Compõe a coordenação do Núcleo da Rede CEDES na UFRGS. Licenciada em Educação Física pela UFSM, mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, doutora em Educação pela UNICAMP e pós-doutora pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (Portugal).

Minhas pesquisas partem desse entendimento e estão ancoradas nos Estudos de Gênero e na História do Corpo. Estes campos teóricos possibilitam fissurar com representações, práticas e discursos que ancoram na biologia dos corpos a sua definição. Olho os corpos como possibilidades de expressão de gestualidades, cuja educação atravessa tempos e culturas fazendo pulsar diferentes rituais e simbologias. Por fim gostaria de mencionar que entendo o corpo como algo que somos e não como algo que temos. Somos . Portanto, não há como falar de corpo sem falar de nós mesmos, de nossa subjetividade, daquilo que somos ou que gostaríamos de ser. Quando digo corpo, estou me referindo não somente à materialidade biológica que nos constitui, mas a nós mesmos. Afinal, somos corpo.

Diversidade: Como desconstruir os binarismos tão presentes sobre os corpos de meninos e meninas, homens e mulheres?

Silvana: Os binarismos não são universais nem dizem tudo sobre os corpos. Resultam de olhares que foram historicamente construídos, e por esse motivo, não são fixos. Sua desconstrução depende, em primeiro lugar, do reconhecimento da existência desse olhar binário e, sobretudo, do engessamento com o qual é tratado. Esta é uma das razões pelas quais considero necessário analisar o corpo considerando a sua generificação. Se entendemos o gênero como um organizador da cultura, percebemos que aquilo que relacionamos aos homens e às mulheres, aos meninos e às meninas nada mais é do que o resultado de um longo e contínuo processo que educa os corpos e subjetividades a partir dessa diferenciação. Uma diferenciação que não acolhe a nuance, a fluidez das fronteiras, a permeabilidade, a pluralidade e a diversidade. A desconstrução, portanto, pressupõe o reconhecimento.

Diversidade: De que forma podemos pensar o ensino dos corpos a partir de tua citação muito utilizada “Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno [...]”?

Silvana: A educação dos corpos se dá a partir de diferentes dimensões. Uma delas está relacionada à esta citação que refere o fato de que não somos apenas a nossa materialidade biológica. O corpo é uma inscrição da cultura, por isso é imperativo levar em conta tudo que o circunda, desde os aspectos simbólicos até os serviços e produtos que alteram sua funcionalidade. Se admitirmos este aspecto, podemos propor situações nas quais possamos

desenvolver novas sensibilidades e olhares sobre o corpo e sua produção. Em outras palavras: podemos educar os nossos corpos e atuar na educação de outros corpos, de forma a identificar o que desejamos e o que não desejamos dentre as possibilidades que nossa cultura oferece em relação aos usos do corpo, sua funcionalidade e aparência.

Diversidade: Como podemos propor um trabalho pedagógico pensando, hoje, nas inúmeras intervenções inscritas nos corpos de nossos alunos e alunas?

Silvana: Penso que professores e professoras podem desenvolver estratégias pedagógicas que operem em dois sentidos: de sensibilização e de intervenção sobre os corpos. Sensibilizar sobre a pluralidade dos corpos envolve dinâmicas com atividades expressivas como, por exemplo, a criação de desenhos, pinturas, esculturas, a produção de narrativas, assim como a análise de artefatos culturais tais como filmes, músicas, propagandas, programas televisivos, revistas, entre outros. Podem ser planejadas tendo como foco a desconstrução de discursos, práticas e representações que limitem os corpos e sua capacidade expressiva, ou ainda que produzam preconceitos e restrições às diversidades dos corpos e dos sujeitos. As atividades de intervenção vão na mesma direção e têm como foco exercícios que envolvam práticas corporais e esportivas, por exemplo. Para tanto, é importante criar um ambiente no qual cada pessoa possa se expressar livremente e ser respeitada pelas suas habilidades, capacidades e vivências, etc. Considero importante pensar em atividades que operem sobre os limites do corpo de modo que cada participante possa ter um maior conhecimento de si e dos outros, respeitando aqueles que “podem” mais ou “podem” menos. A responsabilidade de quem conduz a atividade é fundamental para seu sucesso, o que requer não apenas sensibilidade e respeito à diferença mas, sobretudo, atenção para perceber situações de discriminação e preconceito. Palavras de incentivo e de valorização do que foi realizado são sempre bemvindas porque possibilitam não apenas conhecer e reconhecer a diferença, mas valorizá-la. Isso é fundamental a qualquer processo pedagógico, pois assim como os corpos são plurais, os sujeitos também o são.

Diversidade: É possível falarmos em uma educação dos corpos?

Silvana: Sim, os corpos são educados conforme os discursos, as práticas e as representações

que circulam no seu entorno. Isto é, várias instâncias colocam em circulação modos de ver, de viver, de produzir, de conceber e de ensinar sobre seus usos do corpo, sua gestualidade e aparência. O corpo, aquilo que dele entendemos e como o vivenciamos resulta de um processo educativo que provêm de diferentes instâncias: família, religião, escola, mídia, medicina, normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização nos quais nos deparamos cotidianamente, com recomendações como, por exemplo, sobre o vestuário, a alimentação, o comportamento, a aparência, os gestos, a movimentação, as práticas sexuais, a saúde, a beleza, a qualidade de vida. Enfim, o corpo é educado cotidianamente por meio de processos normativos explícitos e também nas minúcias do que não é dito, referido, mencionado. Os silêncios agem muito na educação dos corpos. Quando silenciemos sobre a discriminação e o preconceito que paira sobre determinados corpos e não os reconhecemos como possíveis, estamos reforçando as normas que valorizam determinados corpos em detrimento de outros. Entendo, por fim, que a educação do corpo opera, simultaneamente no coletivo e no individual. Reagimos aos processos normativos, aceitamos, resistimos, negociamos e transgredimos tanto porque a educação é um campo político como o corpo, ele próprio é uma unidade biopolítica.

Diversidade: É possível desvincular os corpos perfeitos das práticas esportivas?

Silvana: Em primeiro lugar é necessário questionar o que entendemos por corpos perfeitos. Perfeitos para quem e para o quê? Se pensarmos, por exemplo, no esporte de alto rendimento, o corpo que é produzido nesta prática pode ser adequado para a extração máxima dos esforços e dos seus limites, o que de forma alguma significa ser perfeito. A produção deste corpo demanda muito investimento, disciplina e, não, isso não existe sem dor. Faço essa menção para afirmar que nem todas as práticas corporais promovem benefícios ao corpo ou mesmo atuam na construção de uma aparência idealizada ou buscam melhoras em aspectos relacionados à saúde. Há uma hipervalorização da ideia de que as práticas corporais e esportivas são saudáveis e que contribuem para a modificação da aparência. Algumas sim, outras nem tanto, algumas nunca. Portanto, não consigo visualizar uma relação linear entre a prática de atividades corporais e esportivas e o benefício ao corpo. Já a expressão “corpo perfeito” recomendo eliminarmos de nosso vocabulário, sobretudo, quando temos uma visão crítica em relação à normatização dos corpos. Esta expressão sugere a existência de um

modelo de corpo representado como exemplar e a partir do qual todas as outras possibilidades corporais são julgadas e classificadas. Implodir com essa representação significa não apenas reconhecer a diversidade e pluralidade dos corpos como também valorizá-las.

Diversidade: Como trabalhas a questão da saúde atrelada à aparência?

Silvana: Essa pergunta pode ser relacionada com a anterior, pois na cultura contemporânea estas duas expressões, além de serem entendidas quase como sinônimas integram a representação idealizada de um corpo perfeito. Tenho trabalhado com a noção de cultura fitness entendendo-a como um conjunto de dispositivos que opera em torno da construção dessa representação envolvendo intervenções que vão muito além das academias de ginástica e de outros espaços destinados à exercitação física. Neste contexto, a expressão fitness que em sua origem faz referência a uma boa aptidão física, tem seu significado alargado envolvendo não apenas a aquisição de uma capacidade orgânica, mas, fundamentalmente, a adesão a um estilo, um jeito de ser e de se comportar. Um estilo que ostenta um corpo produzido a partir de um minucioso gerenciamento, cujo sucesso demanda autocontrole, comedimento, disciplina e força de vontade. Para tanto os sujeitos são incentivados a consumir uma série de produtos e serviços direcionados especificamente a esse fim. E ao fazê-lo tornam-se consumidores ao mesmo tempo em que são consumidos por um sistema que joga no indivíduo a responsabilidade de seu sucesso e fracasso. Enfim, saúde e estética demandam práticas que nem sempre caminham juntas. Ao contrário, em nome da construção de um corpo que nossa cultura valoriza como belo existem intervenções que inclusive não são identificadas como saudáveis.

Diversidade: Como traçar estratégias para falar em educação para a saúde a partir do reconhecimento desses corpos tão diversos no espaço escolar?

Silvana: Como mencionei anteriormente, promovendo estratégias de sensibilização e de intervenção. Mais do que pensar no como, prefiro chamar a atenção para a responsabilidade que professores e professoras têm na condução de um processo que valorize a diversidade dos corpos, e isso somente acontecerá se conseguir problematizar muitos dos discursos, práticas e representações que operam no sentido da reafirmação da existência, por exemplo, de um corpo modelar a partir do qual todos os outros são julgados. Mesmo em relação à saúde, que

demanda muitas questões que não apenas a ausência de doenças ou a relação com a estética. Pensar a educação para a saúde significa reconhecer o quanto essa é condicionada por questões que extrapolam os aspectos biológicos e fisiológicos do corpo. Por certo que envolve alguns cuidados por parte dos sujeitos, no entanto, resulta também das condições objetivas da existência e isso implica questões de ordem econômica, cultural e política. Enfim, creio ser importante, ao pensar estratégias, trabalhar com a ideia de que não somos os únicos responsáveis pela aquisição (ou não) de um estado satisfatório de saúde. Ela depende de muitas coisas que estão além de nossa mera vontade e de nossos investimentos, sejam financeiros, emocionais ou de adesão àquilo que comumente se representa como promotores de saúde – e aqui me refiro às várias práticas que se inscrevem nos corpos. Pensar a educação para a saúde no contexto escolar implica entender o conjunto de situações que possibilitam e que impedem vivenciar um estado satisfatório de saúde, e isso vai muito além da experiência e da vontade dos sujeitos.